

REPENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA: ABORDAGENS SOBRE AS METODOLOGIAS E AS PROBLEMÁTICAS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFRN

JULIANA KALINE SOARES DA SILVEIRA

KARINE MARIA LIMA LOPES

NATHALIA SOARES COSTA

Resumo: Este artigo tem como cerne as relações entre o ensino de História, as práticas escolares e a formação docente, a fim de evidenciar os dilemas e perspectivas dos usos e funções da História no âmbito escolar. Para tanto, analisamos as produções acadêmicas defendidas nos Programas de Pós-Graduação de História (PPGH), Ciências Sociais (PPGCS) e de Educação (PPGE), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 2008-2017. Nessa pesquisa, de caráter predominantemente quantitativo, foram identificadas e analisadas teses e dissertações, suas respectivas temáticas, bem como as fontes, objetos e metodologias de pesquisa utilizadas em cada trabalho. Como resultado, identificamos oito produções, sendo três teses e cinco dissertações acerca da formação de professores e do currículo, da consciência histórica, dos usos e funções da disciplina, e da utilização do livro didático e do cinema nos espaços escolares. A partir desses eixos temáticos, objetivamos assinalar como essa produção contribuiu para investigação, avaliação e problematização acerca das práticas de ensino dos professores e, sobretudo, do processo de aprendizagem dos discentes. Além disso, percebemos as lacunas temáticas existentes nos referidos estudos, e elucidamos as ambivalências do campo de pesquisa em consolidação no país e, mais especificamente, na UFRN.

Palavras-chave: Ensino de História; UFRN; Metodologia de ensino.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos podemos observar um relevante crescimento da publicação de teses e dissertações sobre o ensino de História. Grande parte dessa produção está disseminada em várias regiões do Brasil, porém trata-se de um campo de pesquisa em processo de consolidação, tendo em vista que a produção acadêmica é pouco conhecida por professores e pesquisadores dessa área.

O tema, assim como pontua Selva Guimarães, ganhou cidadania entre os pesquisadores de área de História, principalmente com simpósios dedicados ao ensino de história nos encontros regionais da Associação Nacional de História, assim como nos últimos

simpósios nacionais e nos encontros bianuais *Perspectivas do Ensino de História*. Contudo, constatamos uma deficiência significativa de produções que contemplavam temáticas acerca do ensino de História nos programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Em decorrência disso, este trabalho objetiva refletir sobre a prática docente, relacionando-a com a teoria da História, assim como as perspectivas historiográficas existentes acerca do campo. No primeiro momento, realizaremos uma breve revisão historiográfica, na qual faremos referência a autores como Elza Nadai, Circe Bittencourt, Selva Guimarães e Margarida Oliveira, que já possuem um espaço de relevância no campo do ensino da História, e nos auxiliam na compreensão de suas ambivalências e necessidade de consolidação. O segundo momento será dedicado a uma análise predominantemente quantitativa, que terá como base os trabalhos produzidos nos programas de Pós-Graduação em História, Educação e Ciências Sociais da UFRN, sendo analisados dados de acordo com o programa no qual foi produzido, e conforme alguns parâmetros, tais como o gênero dos autores e orientadores, as temáticas abordadas, e as lacunas existentes nas produções.

A partir das produções dos referidos programas, buscamos suscitar reflexões sobre a área do ensino e aprendizagem em História a partir das seguintes questões: quais os vieses dessas pesquisas? Quais tendências teórico-metodológicas podem ser identificadas nos Programas de Pós-Graduação da UFRN? Quais as temáticas, problematizações, objetos e fontes de pesquisa utilizadas nessas produções? E, ainda, como a temática do livro didático está inserida nos temas trabalhados?

2. A HISTORIOGRAFIA SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA EM PERSPECTIVA

Em seu livro, *Didática e prática do ensino de história*, Selva Guimarães Fonseca afirma que nas últimas décadas do século XX, a historiografia brasileira teve como principais pilares a nova história francesa e a historiografia social inglesa, haja vista que foi possível observar o alargamento de diversos conceitos e a ampliação de novas abordagens e temas, principalmente nas décadas de 1970 e 1980.

Manoel Luiz Salgado Guimarães, em seu artigo *Escrita da história e ensino da história: tensões e paradoxos*, nos adverte para essa problemática, destacando os motivos pelos quais esse lento processo de uso temático vem se desenvolvendo. Assim como aponta, os encontros

bianuais Perspectivas do Ensino de História “tornaram-se referência para as discussões que envolvem a produção do conhecimento em história e a sua transformação em matéria ensinável, em discurso pedagógico”¹. Ou seja, embora as práticas escolares ainda sofram negligência, novos questionamentos surgiram em relação à área de pesquisa sobre o ensino.

Entretanto, essa produção ainda apresenta uma tímida participação como objeto de pesquisa no âmbito acadêmico. Isso porque, tal como explica a professora Margarida Oliveira, esse campo de pesquisa constituiu-se tardiamente nas universidades brasileiras, havendo uma “visão dicotômica”, conforme denomina, caracterizada pela dissociação entre ensino e pesquisa. O primeiro atrelado às questões pedagógicas. “Estas, por sua vez, restringidas aos Cursos de Licenciatura e, nestes, às disciplinas assim denominadas “pedagógicas”, nas quais, segundo essa visão, deveriam ser debatidas e resolvidas as questões relativas ao ensino”².

Entre as temáticas mais recorrentes nessa produção, podemos identificar o livro didático como um dos eixos norteadores das pesquisas na área. Circe Bittencourt amplia essa perspectiva ao afirmar que existe um problema nas maneiras de conceber esse instrumento de ensino-aprendizagem, frequentemente utilizado como “substituto do trabalho do professor”:

Muito criticados, muitas vezes considerados culpados pelas mazelas do ensino de história, os livros didáticos são invariavelmente um tema polêmico. Diversas pesquisas têm revelado que são um instrumento a serviço da perpetuação de um “ensino tradicional”³.

Nesse sentido, as críticas aos livros didáticos enfatizam suas deficiências de conteúdo, suas lacunas e erros conceituais ou informativos. Entretanto, o problema de tais análises reside na concepção de que seja possível existir um livro didático ideal, uma obra capaz de solucionar todos os problemas do ensino.

Kazumi Munakata, no artigo “*Devem os livros didáticos de história ser condenados?*”, acrescenta também seu posicionamento sobre essa questão, ao analisar que os usos do livro didático se diferenciam no âmbito da educação escolar e no que concerne à pesquisa histórica.

Em certos momentos, aparece como um objeto sem nenhuma importância, a ponto de desprestigiar os pesquisadores que dedicam o seu tempo para

¹GUIMARÃES, 2009, p. 35.

² OLIVEIRA, 2003, p. 38-39.

³BITTENCOURT, 2008, p. 299-300.

investigá-lo. Embora, na história, tudo seja história [...], mas não a educação escolar e muito menos um de seus dispositivos, o livro didático⁴.

Outra questão a ser pensada, considerando o levantamento de teses e dissertações explicado no tópico seguinte, refere-se às fontes e aos métodos utilizados no ensino de História. Selva Guimarães Fonseca, na obra “Caminhos da história ensinada”, discorre sobre a relevância do papel do professor na realização de um projeto educacional. Assim como disserta, “a educação realiza-se através do seu trabalho no nível de planejamento e execução do processo de ensino, sendo investido de autoridade institucional”⁵.

Considerando a relevância desse profissional no domínio sobre as formas de transmissão de conhecimento, cabe destacar a necessidade de formação contínua dos docentes. Para tanto, os projetos educativos devem considerar o “historiador-educador” em múltiplas dimensões, principalmente enquanto um profissional que domina o processo de construção do conhecimento histórico e, sobretudo, “um conjunto de saberes e mecanismos que possibilitam a socialização desse conhecimento nos limites da instituição escolar”. Fonseca reforça as complexidades implicadas no saber histórico e, mais especificamente, no ato de conhecer:

Hoje, busca-se a superação da dicotomia forma/conteúdo, uma vez que não é possível conceber uma metodologia de ensino deslocada de produção de conhecimento específico. Logo, o que se busca é a compreensão da totalidade do ato de conhecer. Saber alguma coisa não é mais suficiente para o ensino, é preciso saber ensinar e construir condições concretas para seu exercício⁶.

Desse modo, a relação ensino-aprendizagem se insere também como um dos tópicos abordados para a análise dessa perspectiva, pois emerge como uma temática que pode ser observada por diversos ângulos. Conceitos como apropriação, absorção e interpretação oferecem as bases para a formulação de problemáticas acerca da educação e aprendizagem histórica. Cabrini especifica essas noções a partir de duas ordens de considerações: “uma primeira ordem, que passa pela relação entre o saber e o poder [...]. Uma segunda ordem passa pela natureza do ensino e concepção de história com a qual se trabalha”⁷.

Há, portanto, um intenso debate nos últimos anos acerca das relações entre as concepções de História e as práticas de ensino. Todavia, podemos observar – tal como

⁴ MUNAKATA, 2009, p. 281.

⁵ FONSECA, 1993, p. 25.

⁶ Idem, 2003, p. 77.

⁷ CABRINI, 1994, p. 19.

denominou Elza Nadai – um panorama de “crise da História historicista”. Esta, por sua vez, consiste nos “descompassos existentes entre as múltiplas e diferenciadas demandas sociais e a incapacidade da instituição escolar em atendê-las ou em responder afirmativamente, de maneira corrente, a elas”⁸. Tal crise resultou das modificações da produção científica, responsáveis por ampliarem as possibilidades de escrita e exercício da História no âmbito acadêmico. Assim como destaca, essa conjuntura de crise suscitou importantes questionamentos sobre os pressupostos teórico-metodológicos da ciência e do ensino, “obrigando-os a propor experiências múltiplas, procurando superar o tradicional modelo, que no século XIX, foi ganhando consistência e relevância, espalhando-se pelas instâncias da sociedade”⁹.

3. TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA UFRN: UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Buscando discorrer sobre as produções acadêmicas acerca do ensino de História, realizamos um levantamento das teses e dissertações produzidas nos Programas de Pós-Graduação em História e em Educação. A partir de uma pesquisa realizada no Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, identificamos as produções específicas do campo do ensino, assim como as respectivas temáticas, as fontes, objetos e metodologias de pesquisa utilizadas em cada trabalho. Como resultado, buscamos analisar a distribuição das produções no âmbito de cada programa de pós-graduação, as temáticas mais recorrentes e a distribuição de autores e orientadores das dissertações e teses por gênero.

Quanto à distribuição de produções, de acordo com os programas de Pós-Graduação, os dados evidenciaram que 62,5% das teses e dissertações sobre o ensino de História são realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação. A significativa incidência dessas pesquisas no referido programa pode ser explicada, em grande medida, pelo vasto leque de objetos de investigação nessa área. Conforme enfatizou Caimi (2015), os trabalhos centram-se nas escolas, materiais e documentos escolares, e nas salas de aula, e enfatizam temáticas como “formação de professores, práticas pedagógicas, história do ensino de História, políticas

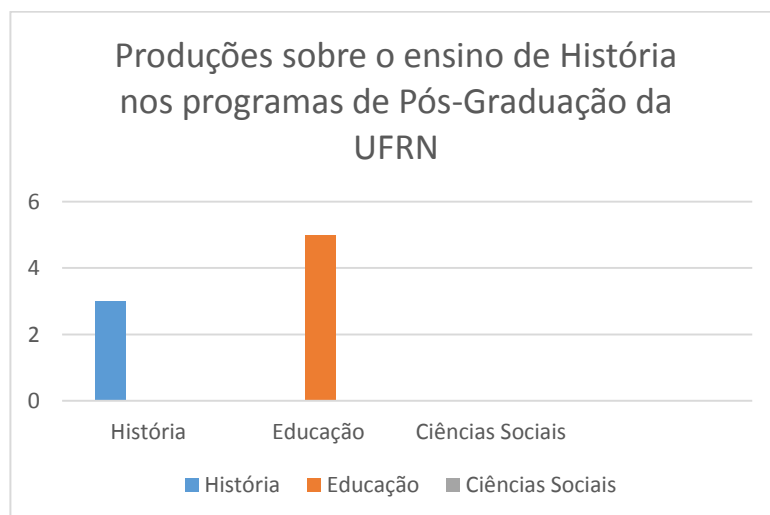
⁸ NADAI, 1993, p. 144.

⁹ Ibid., p. 144.

educacionais, currículo, didática, ensino-aprendizagem, construção de conceitos e noções, livro didático”¹⁰.

Conforme podemos observar no Gráfico I, as pesquisas na área de História representam 37,5% das produções identificadas. O PPGH, no âmbito da UFRN, possui 151 dissertações de mestrado, sendo apenas três produções específicas sobre o ensino de História, referentes à área de pesquisa “cultura, poder e representações sociais”. Essa baixa recorrência de trabalhos explica-se pelas ambivalências da própria constituição do campo de ensino de História no país. Tal como analisou a historiadora Margarida Oliveira, o ensino de História foi visto, até a década de 60, como área de formação e não como objeto de pesquisa, de modo que as “questões pedagógicas” restringiam-se aos cursos de licenciatura.

Gráfico 1: Produção sobre o ensino de História nos programas de Pós-Graduação da UFRN.



Fonte: Produzido pelos autores (2018).

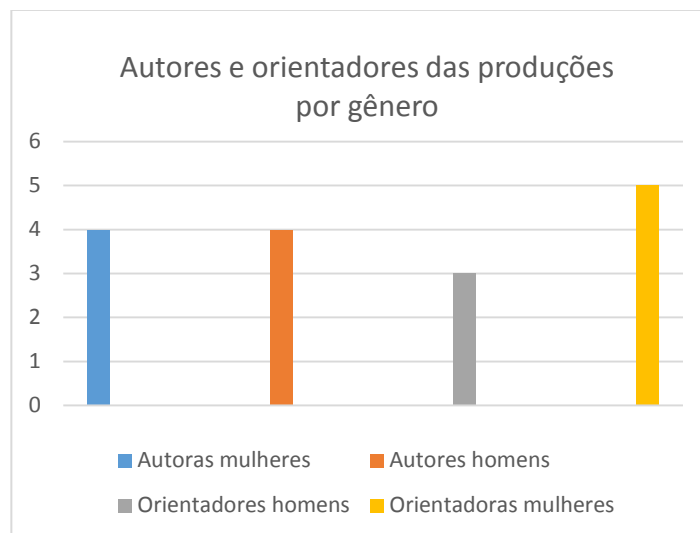
No seu estudo sobre as tendências e perspectivas da História ensinada, Flávia Eloisa Caimi (2015) realizou um estudo sobre as dissertações produzidas no país, no período de 1998 a 2007, e disponibilizadas na Base de Dados da Capes. Além disso, estudou alguns anais dos principais eventos na área de pesquisa sobre o ensino de História. Ao investigar os sujeitos e espaços dessa produção acadêmica, destacou a predominância de mulheres na autoria de 58,6% das dissertações, e na orientação de 65,5% dos trabalhos analisados.

Identificamos, no entanto, uma tendência diferenciada no que concerne à autoria das produções nos programas de pós-graduação da UFRN, visto que a quantidade de autores e autoras permaneceu igual (50% de mulheres e 50% de homens), havendo uma incidência

¹⁰ CAIMI, 2015, p. 21.

maior de mulheres na orientação dos trabalhos (62,5%). Isso reflete, por sua vez, o gradativo crescimento da área de pesquisa nos programas de pós-graduação do Brasil.

Gráfico 2: Distribuição de autores e orientadores das produções por gênero (2008-2017)



Fonte: Produzido pelos autores (2018).

Na amostra com a qual trabalhamos, levantamos alguns dados referentes às temáticas recorrentes nas produções dos Programas de Pós-Graduação e buscamos identificar os objetos, metodologias e fontes de pesquisa da cada trabalho, no intuito de analisar a persistência ou a ausência de temas abordados nas áreas de pesquisa sobre o ensino de História.

Em primeiro lugar, percebemos a preponderância de duas temáticas, “Livro Didático” e “Fontes e métodos”. Sobre o livro didático, constatamos que as produções não se restringem, especificamente, aos equívocos conceituais e aos limites metodológicos dessa ferramenta de ensino, uma vez que as problemáticas desenvolvidas centram-se nas “condições de produção e recepção do livro didático”, tendo em vista que contemplam os sistemas educativos, a política nacional de avaliação (PNLD), os usos do livro didático em situações pedagógicas, e as interações entre docentes, alunos e livros didáticos¹¹.

Essa ampliação das perspectivas de análise pode ser identificada, por exemplo, na tese “O livro didático de história: um caleidoscópio de escolhas e usos no cotidiano escolar (Ceará, 2007 2009)”, na qual Isaíde Bandeira Timbo concebe o livro como um objeto cultural, haja

¹¹CAIMI, 2015, p.24.

vista que estuda “o processo de escolha dos livros didáticos no Estado do Ceará, relacionando-o com os usos que se faz deste instrumento no cotidiano escolar”¹² com base nos documentos oficiais, tais como o edital do Programa Nacional do livro didático (PNLD/2008), nas entrevistas semiestruturadas com gestores públicos e professores, e na observação das concepções de ensino-aprendizagem adotadas durante as aulas de História ministradas no ano de 2008.

Além do referido trabalho, a maioria das teses e dissertações (62,5%) apresentam a temática acerca do “ensino de História” na perspectiva de objeto cultural, enquanto difusor de valores, principalmente no que concerne aos usos, intencionalidades e modelos institucionalizados a partir desse instrumento de ensino. Isso pode ser explicado, em grande medida, pela ampliação de fontes de pesquisa acerca dessas temáticas. No departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN, por exemplo, encontra-se o *Memorial do Programa Nacional do Livro Didático*, que consiste no maior programa mundial de distribuição gratuita deste material educativo. O memorial abrange livros didáticos das disciplinas de Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática, avaliados de 1997 a 2010, bem como os Guias do PNLD, “os quais divulgam os livros que foram aprovados; os editais de avaliação, documentos que regem o processo avaliativo; as fichas de avaliação, preenchidas pelo parecerista que avaliou a obra”¹³.

No que tange à recorrência de trabalhos sobre “fontes e métodos”, conforme explicamos abaixo, podemos perceber a grande quantidade de pesquisas documentais e bibliográficas acerca de políticas educacionais, diretrizes, guias ou parâmetros curriculares, bem como sobre registros advindos de arquivos escolares, tais como as observações de aula, entrevistas semiestruturadas, as anotações e desenhos de alunos, diários de campo e entrevistas semiestruturadas. A “perspectiva epistemológica da multirreferencialidade”, presente na dissertação “Relações entre teorias da história e ensino de história: a compreensão de professores”¹⁴, revela a preponderância de cenários investigativos nos quais assinalamos a presença de diferentes análises de práticas educativas e diversos métodos de pesquisa, comumente referenciados “em instrumentos de produção/coleta de dados do tipo

¹² TIMBO, 2009, p. 4.

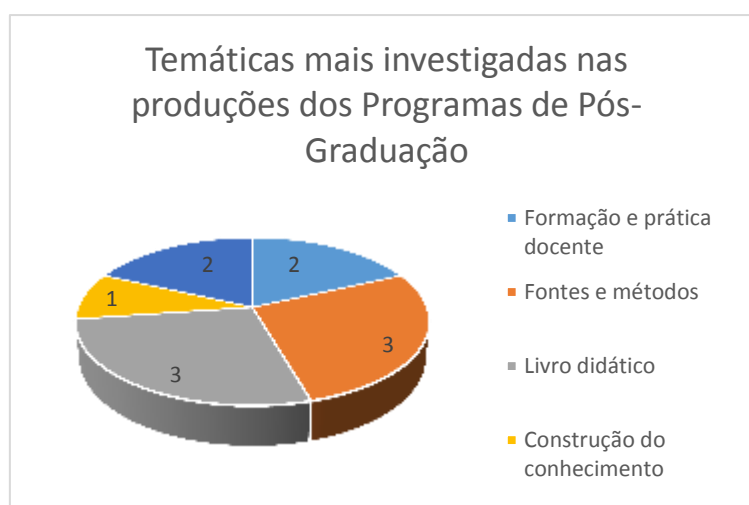
¹³ SOARES; SOUZA, 2011, p.3.

¹⁴ LEMOS, 2009.

questionário, depoimentos, narrativas de histórias de vida, entrevistas com professores e alunos, aplicação de estes, entre outros”¹⁵.

A partir dos gráficos seguintes, analisaremos os temas mais investigados no campo do ensino e as lacunas existentes nessa produção, objetivando especificar as tendências teórico-metodológicas e as lacunas temáticas.

Gráfico 3: Temáticas mais investigadas nas produções acadêmicas sobre o ensino



Fonte: Produzido pelos autores (2018).

Outro tema que permeia a discussão acerca dessas produções se refere à “formação e prática docente”, termo presente em 25% dos trabalhos. Isso porque, conforme especificou a historiadora Margarida Oliveira, ao discorrer sobre a formação do profissional de História, torna-se imprescindível aperfeiçoar, continuamente, a atuação dos professores em sala de aula, na perspectiva de auxiliá-los no enfrentamento dos problemas inerentes à prática escolar. É necessário que os formandos, ao responderem questões relacionadas ao conteúdo e à metodologia de ensino, “não busquem respostas prontas e acabadas nos seus professores, nas secretarias de educação, nos currículos da escola ou nos livros didáticos”¹⁶.

Nesse sentido, Paulo Heimar Souto – embasado nos depoimentos, experiências e memórias de trajetórias de vida de oito professores do Ensino Básico – visa compreender as adversidades e desdobramentos da formação superior de professores de História no interior de Sergipe, analisando a influência de modelos normativos de currículo no exercício da função,

¹⁵CAIMI, 2015, p. 25.

¹⁶ OLIVEIRA, 2003, p. 240.

assim como os dilemas relacionados às questões salariais, condições de trabalho e dificuldades de acesso à formação continuada.

Do mesmo modo, temas atrelados ao “ensino-aprendizagem” tiveram uma relevância significativa nas produções, tendo em vista que se referem, tal como conceituou Caimi, “aos processos cognitivos, noções e conceitos mobilizados pelos estudantes no acesso ao conhecimento histórico escolar mediado por intervenções docentes”¹⁷. Maria da Paz Cavalcante, por exemplo, no trabalho intitulado “Ensinar e aprender História na relação dialética entre interpretação e consciência histórica crítica”, busca compreender em que medida os alunos se apropriam dos textos de História, no 8º ano do Ensino Fundamental, e a atuação de uma professora enquanto mediadora do “processo formativo teórico e prático”¹⁸ e do desenvolvimento da consciência crítica.

Em contrapartida, verificamos a inexistência de abordagens específicas sobre as metodologias de ensino e a inclusão efetiva do estudo dos povos afro-brasileiros e indígenas nos currículos do Ensino Básico. Tal problemática se diferencia da atual tendência verificada nos programas de Pós-Graduação do país. Ao estudar as temáticas presentes numa amostra de 198 dissertações, Caimi aponta o gradativo aumento de dissertações que trabalham diretamente com o ensino da cultura afro-brasileira, especificamente acerca das relações étnicorraciais, e associa esse quadro à obrigatoriedade das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Conforme observou Mônica Lima, essas legislações tiveram grande impacto na formação de educadores e está vinculada a “reivindicações por direito de cidadania e políticas de inclusão, ainda que com um longo histórico no campo acadêmico”¹⁹, colocando em evidência a importância do aprofundamento nesse campo de pesquisa.

4. CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho objetivamos reafirmar a importância do campo de pesquisa sobre o ensino da História, e as especificidades da produção acadêmica acerca dessa temática na UFRN. Buscamos identificar as tendências teórico-metodológicas, e discuti-las a partir de referenciais relevantes no estudo mais aprofundado da temática abordada.

¹⁷CAIMI, 2015, p. 22.

¹⁸CAVALCANTE, 2014, p. 3.

¹⁹LIMA, 2009, p. 150.

Através desta pesquisa, relacionamos a historiografia sobre o ensino de História com o levantamento realizado nos programas de pós-graduação em história e educação da referida instituição. Este trabalho nos possibilitou uma percepção mais ampla referente ao campo, viabilizando as discussões sobre a sua importância e dificuldades de efetivação, bem como a respeito das principais fragilidades teóricas e metodológicas, identificadas a partir de alguns aspectos de análise que consideramos de maior peso para a elaboração de nossa revisão historiográfica e resultados. Ainda que de maneira inicial, almejamos contribuir para as reflexões que perpassam a construção da disciplina de História através de estudos e pesquisas sobre o ensino e aprendizagem histórica – realizados de maneira coletiva e em contínuo diálogo com as práticas educativas e os espaços não escolares.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Maria Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CABRINI, Conceição. O que achamos importante lembrar sobre o ensino de história ou fundamentação teórica da proposta. In: _____. *Ensino de história: revisão urgente*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 19-30.

CAIMI, Flávia Eloisa. Investigando os caminhos recentes da História escolar: tendências e perspectivas do ensino e pesquisa. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. (Org.). *O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV editora, 2015.

CAVALCANTE, Maria da Paz. *Ensinar e aprender História na relação dialética entre interpretação e consciência histórica crítica*. 2014. 294f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática do ensino de história: Experiências reflexões e aprendizados*. 7 ed. São Paulo: Papirus, 2003.

_____. *Caminhos da história ensinada*. 10 ed. São Paulo: Papirus, 1993.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Escrita da história e ensino da história: tensões e paradoxos. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2009, p. 35-50.

LIMA, Mônica. Aprendendo e ensinando história da África no Brasil: desafios e possibilidades. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2009, p. 149-164.

LEMOS, Éden Ernesto da Silva. *Relações entre teorias da história e ensino de história: a compreensão de professores*. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

MUNAKATA, Kazumi. Devem os livros didáticos de história ser condenados? In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2009. p. 281-292.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, p. 142-163, ago. 1993.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. O direito ao passado (Uma discussão necessária à formação do profissional de História). 2003. 325 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 38,39. 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Consciência Histórica e aprendizagem: teoria e pesquisa na perspectiva da educação histórica. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. (Org.). *O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV editora, 2015.

SOUZA, Wendell de Oliveira; SOARES, J. B. Memorial do PNLD: elaboração, natureza e funcionalidades. In: XIX SEMANA DE HUMANIDADES, 2011, Natal. *Anais Eletrônicos da XIX Semana de Humanidades*. Natal: [EDUFRN], 2011. p.1-7.

TIMBO, Isaíde Bandeira. *O livro didático de história: um caleidoscópio de escolhas e usos no cotidiano escolar* (Ceará, 2007 2009). 2009. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.